

# EXPOSIÇÕES DE ARQUITETURA E INTERFACES COM A MUSEOLOGIA – UM CAMPO DE PESQUISA EM FORMAÇÃO

MIGUEZ, Stella Regina

Arquiteta e Doutora pela FAUUSP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo.

[stellamig@uol.com.br](mailto:stellamig@uol.com.br)

## Resumo

*As exposições de arquitetura são veículos de comunicação que propõe a apresentação pública da arquitetura como tema cultural. De maneira sucinta, busquei descrever algumas características dos objetos desse tipo de exposição, demonstrando como os produtos da obra projetual, as representações arquitetônicas, constituídas em sua maioria por projetos, desenhos, fotos, modelos, protótipos, saem de sua esfera específica do conhecimento profissional e acadêmico e adquirem um novo papel ao serem transferidos para o espaço da exposição. Ao contrário das exposições de arte que apresentam 'obras em si', as exposições de arquitetura trabalham com representações de suas obras, tais como fotografias, maquetes e com objetos que são produtos do projeto arquitetônico. Imagens e objetos que representam idéias e conceitos inerentes ao processo do desenho de um objeto, edifício ou plano urbanístico. São objetos complexos, que precisam ser adaptados ao contexto das exposições, principalmente quando se pensa no público não profissional. Esse enfoque evidencia também o crescente valor da obra projetual como obra de interesse cultural. Portanto, há toda uma extensão do tema da arquitetura quando em situação institucional de exposição. Aliadas a outras atividades educativas que lhe dão suporte, constituem-se em última instância, como um veículo não formal de difusão e de educação para a cultura arquitetônica numa escala maior, que extrapola os estreitos limites do ensino de graduação. Tomando as exposições de arquitetura como um tema expandido, novas linhas de pesquisa podem vir a se formar em Arquitetura em interdisciplinaridade com os estudos museológicos, assim como poderão surgir novos espaços para abrigar e difundir nossos acervos, tendo em vista a constituição de um efetivo meio de comunicação da arquitetura com o grande público.*

## Abstract

*Architecture exhibitions are communication vehicles, which propose public presentation of architecture as a cultural theme. Coming from this standpoint, a few characteristics of the objects of this type of exhibit are described. What is shown are the products of the design activity, architectural representations (constituted mainly by projects, drawings, photographs, models, prototypes, etc.) shifting from their specific professional and academic sphere of knowledge, taking on a new role when transferred to an exhibit space. Unlike art exhibits showing 'the work itself', architecture exhibitions deal with the representation of their work, often with objects, which are the product of the architectural design activity. They are images and objects representing ideas and concepts linked to the designing process of an object, building our urban plan – complex objects, which need adaptation to the exhibition context, even more so when considering a non-professional audience. This angle seeks to acknowledge the value of the design work as a piece holding cultural interest. Thus, there is an extension of architecture in an institutional exhibition to encompass the cultural role performed by the architecture exhibition, allied to other support activities, defining it as an informal vehicle for diffusion and education of architectural culture for the general public. In this sense, some new approaches for researching could be applied, evolving studies from these two main areas, Architecture and Museology. Thinking about an expanded approach for the architecture exhibitions, some new institutional spaces should be demanded, especially in Brazil, in order to make the educational diffusion of Architecture to a wide audience.*

## O Estudo sobre exposições e seus contextos gerais

Partindo de seu significado mais literal, uma exposição é todo e qualquer tipo de objeto ou ser vivente, que se expõe, que se mostra ou que se coloca à vista. Posto dessa maneira, o 'mundo', por si só, seria naturalmente a maior e mais variada

mostra, uma vez que se coloca diante dos olhos do homem, que pode interpretá-lo, contemplá-lo e interagir com ele. Entretanto, se pensarmos em exposições dentro de espaços condicionados como um salão, galeria ou museu, uma exposição torna-se diferenciada pela contextualização específica da linguagem, pela forma de apresentação planejada, pela inserção de um discurso oral e escrito da palavra, onde objetos e obras são apresentados com um propósito definido, buscando atingir o espectador de maneira determinada. Tecnicamente, as exposições devem ser entendidas como uma das funções prioritárias de um museu, que exploram noções de organização, conservação e apresentação dos mais variados objetos. Dentro dos conceitos museológicos atuais, devemos entender as exposições como **suportes de comunicação dos objetos com o público**.

As antigas galerias dos palácios que expunham objetos e obras de arte, os gabinetes de curiosidades do século XVII, as grandes exposições universais do início do século XX estão no histórico dos modos de expor. Surgem os museus, que aos poucos saem da esfera do espaço sagrado, simbólico, da nobreza, da burguesia, num caminho que evolui paulatinamente do espaço privado para o espaço público.

A partir da década de 40/50 o processo de concepção de exposições em museus se expandiu no sentido de se realizar como um meio de comunicação aberto, relevando sobremaneira as inter-relações implícitas entre público e exposição.

Existem hoje inúmeros eventos onde as exposições se realizam, diversificando o cenário tradicional, o que as coloca dentro do desenvolvimento progressivo da indústria do lazer cultural, como forma de investimento e mesmo de marketing. Assim, as exposições não estão restritas aos espaços de museus e de galerias de arte, ampliaram seus horizontes, incluindo-se aí, as bienais de todos os tipos, como um grande conjunto de mostras de artes, arquitetura, de design; as feiras mundiais, as feiras comerciais; os centros de ciências e tecnologias, centros culturais, os museus ecológicos, museus comunitários, mostras itinerantes e demais categorias.

Os museus, são as instituições mais especiais que abrigam, conservam e estudam acervos e mantêm contato com o público via exposições em caráter permanente. Entretanto, assim como as fundações, centros culturais, institutos, estão sujeitos a determinados contextos, atrelados que estão a sua manutenção financeira, ao cumprimento de seu papel social e a sua formulação crítica. Como ampliar o interesse do público para freqüentar exposições também tornou-se um desafio, uma vez que as opções dadas pela Tv, pela música, cinema, revistas, livros são mais populares. As instituições criam meios para subsistir, trabalhando em parceria com iniciativas privadas e investimentos que movimentam parte da indústria cultural.

Além de uma *evolução histórica* nos modos de expor, podemos estudar o tema das exposições a partir de seus *procedimentos técnicos*, como um meio de comunicação que leva em conta basicamente a contextualização de objetos, concepção do projeto espacial, aplicação das linguagens expositivas.

Num segundo momento, pensemos que qualquer exposição é passível de ter outros desdobramentos, uma *dimensão crítica*, onde há toda uma atenção voltada para sua repercussão, discussão, avaliação, e onde se realiza interação com um tipo público mais especializado. Por fim, outro importante aspecto do estudo sobre exposições seria a investigação de sua *função educacional*, expressa através de uma programação de atividades que ocorrem em paralelo às exposições, como uma qualidade notável em exposições de museus e que mobiliza todo um trabalho com função social, envolvendo pedagogos e educadores. Na prática, tais fatores podem vir a influenciar qualquer definição sobre o que seja uma exposição, na medida em que o museu e as instituições de cultura se transformam, se diversificam e assim também, a suas maneiras de comunicar e expor.

## Exposições como meios de comunicação: demandas para o projeto

Ao estudar o tema das exposições percebe-se que existem campos de investigações possíveis que levam em conta conteúdos ligados à história, à técnica, à crítica e a sua função educacional. Uma vez cientes dos campos de contexto, vê-se que os arquitetos apresentam grandes vantagens para trabalhar com esse tipo de demanda: dentro de trabalhos que envolvem definição de espaços expositivos, com programas específicos a serem organizados esteticamente e pedagogicamente.

Mesmo que comparadas à TV, ao cinema e aos grandes meios de comunicação de massa, as exposições ainda apresentam vantagens. Por ser um tipo de evento que ocorre na dimensão espaço-tempo, e mais do que qualquer outro tipo de mídia, uma exposição proporciona as melhores condições de comunicação entre um objeto tridimensional e o espectador: a forma de apresentação é pensada em termos de espaço real e, embora esse espaço expositivo seja extremamente condicionado, têm-se sempre como referência a **escala humana**. Dentro dos estudos museológicos, há um interesse permanente em relacionar as exposições como meios efetivos de comunicação, colocando-as lado a lado aos outros meios, provando que sua eficiência é o resultado de um planejamento acurado e rigoroso, e que, como qualquer meio de comunicação, leva também em consideração o fator de entretenimento para a aquisição de público.

As exposições podem relacionar também experiências de caráter multi-sensorial na ambientação dos espaços expositivos (explorando sensações visuais, táteis, olfativas, auditivas). Quanto ao design, à forma, cor, textura, luz dos espaços, há uma diversidade de modos e linguagens de apresentação que se aprimoram (displays interativos, estandes tecnológicos, animações, dramatizações, modelos).

Por aliar design ao objeto exposto, sempre em função do espectador, as exposições representam um desafio também sob o ponto de vista da concepção criativa, tanto nos discursos como nos recursos, no que podem se constituir por si próprias como uma forma de arte, a **arte expositiva**, que valoriza o objeto e que se valoriza como evento. Tais condições de programa espacial e de objetos são trabalhadas dentro dos **projetos de espaço expositivo** como demandas que estão em sintonia com o trabalho do arquiteto.

Dentro de um espaço institucional como o museu, as exposições devem constituir-se preferencialmente em espaços democráticos, oferecendo liberdade para o visitante fazer seu próprio percurso, de acordo com seus interesses. O contato simultâneo e direto com outros visitantes, confere num todo idealizado, um **espaço de vivências** múltiplas e diferenciadas, que proporcionam entretenimento, lazer e principalmente, oportunidade de aquisição de conhecimento.

Quanto às limitações técnicas que podem surgir, temos toda a complexidade que envolve sua realização efetiva: avaliação do espaço destinado, adequabilidade e acessibilidade, tempo disponível para o evento, recursos materiais e financeiros disponíveis, tamanho da exposição e outros fatores.

Atualmente a relação entre os espaços expositivos e o público é uma condição bastante observada e avaliada pelos profissionais do setor museológico - como uma exposição pode transmitir conhecimento e conseguir uma maior interação com o visitante, esse é o ponto de partida para o aprimoramento técnico de um programa espacial. Uma exposição deve ser entendida como um evento predominantemente visual, mas textos, falas, sons, músicas se articulam às imagens em **vários níveis de leitura de informações**, que devem ser flexíveis, abrindo espaço inclusive, para a simples contemplação.

Posto desta maneira pode-se sublinhar alguns pontos importantes que configuram a chamada 'arquitetura das exposições', que vai do projeto curatorial e de concepção ao projeto espacial das exposições em geral. Pela natureza do trabalho que envolve

os diversos profissionais do setor museológico, especialmente no que se refere à *comunicação museal* – seja no projeto de exposições, no projeto arquitetônico de museus, no projeto envolvendo recuperação de patrimônio, - fica claro que este é um trabalho interdisciplinar, com possibilidade de se tornar transdisciplinar a longo prazo<sup>1</sup>. Pelos debates já realizados dentro do setor museológico envolvendo profissionais de museus e arquitetos<sup>2</sup>, percebe-se que este é ainda um diálogo em fase de aprimoramento, um diálogo que busca ajustar as diferentes atribuições e formações necessárias em museus.

O 'projeto' é o fazer principal do arquiteto, que aplicado à comunicação museal, surge como um projeto especial, atrelado a um programa determinado pela curadoria do museu ou instituição de cultura.

Não somente o projeto de espaços expositivos, mas a arquitetura de museus, e mesmo o projeto de recuperação e revitalização de patrimônios, são essas apenas algumas das inúmeras especialidades de projeto nas quais atuam os arquitetos.

Em tais atividades, os arquitetos parecem levar em conta a eficiência na condução do projeto museográfico, mas como atribuições de caráter técnico, como mais uma demanda por espaços condicionados, simbólicos, expressivos ou de grande impacto.

Resta aos museólogos definir e delimitar seus programas a fim de poder oferecer ao profissional de arquitetura as diretrizes amadurecidas. Dentro das limitações e desafios que este tipo de trabalho projetual pode proporcionar, o caminho parece apontar para a conciliação entre a liberdade de expressão dos arquitetos e as necessidades específicas propostas pelos representantes de museus. Como um trabalho em processo, os arquitetos passam a ver o projeto de exposições, projeto de museus e de recuperação de patrimônio como programas realmente especiais para a Arquitetura, revisando e avaliando mais criticamente o que já foi realizado, ao passo que os museólogos vêem-se determinados a buscar quais são suas reais necessidades tanto no plano operacional e funcional como também no plano ideológico e social, delegando melhor as atribuições.

Assim, temos que o projeto de exposições está atrelado a um trabalho de equipe curatorial que determina um programa, e essa condição levam o arquiteto ou designer a se reconhecerem num trabalho interdisciplinar. Sobre parte desse trabalho que interessa ao designer, cenógrafo ou arquiteto, poderíamos sublinhar algumas características gerais do projeto de exposições:

- O conceito de exposição é flexível, composto por muitas variantes: cada exposição possui especificidades próprias quanto a sua temática e seus objetos, gerando necessidades diferenciadas. De qualquer forma, uma exposição deve ser projetada a fim de proporcionar formas de comunicação acessíveis entre objetos e pessoas, principalmente se o público tiver variada formação. As exposições também não são eventos isolados: podem mediar as atividades educativas e gerar produtos como catálogos, livros, manuais, serviços de guia eletrônico, páginas na internet, gerando necessidade de projeto em outras escalas.
- A linguagem do arquiteto ou designer é diferente da linguagem do profissional de museus. Desenhar exposições requer um ajuste de repertórios, que deve ser conseguido através da prática e da maior especialização na formação.

---

<sup>1</sup> Segundo o Prof. Ulpiano Bezerra de Meneses do Departamento de História da FFLCH-USP, em palestra proferida na mesa redonda do evento *IV Semana de Museus na USP*, em agosto de 2003:

Multidisciplinaridade: cooperação de disciplinas em torno de um tema comum, mas de forma compartimentada e limitada.

Interdisciplinaridade: disciplinas que cooperam e se fundem em torno de um tema comum

Transdisciplinaridade: transcende às questões abarcadas pelas disciplinas envolvidas, criando campos de competência novos, de pesquisa, o campo das competências transversais.

<sup>2</sup> Como exemplo, o *'Encontro Museológico: Arquitetura, Expografia, Comunicação Visual e Cenografia – Limites e Reciprocidades'*, realizado em março de 2002, em São Paulo, que contou com a participação de profissionais atuantes em instituições culturais e museus do Brasil e do exterior.

- Em termos de soluções e arranjos, não existe espaço neutro para objetos de exposição, principalmente os objetos de arte. Toda solução espacial envolve interferência com o objeto a ser exposto, e isso deve ser pensado em termos positivos, em termos de recursos que geram eficiência na comunicação com o público.
- Verificar qual o potencial educacional que pode ser extraído de cada montagem. As ações educativas que podem correr em paralelo a uma exposição devem ser considerados como elemento fundamental na hora de conceber o projeto do espaço expositivo.
- Lembrar que as avaliações de exposições podem ser aplicadas, fundamentando os resultados obtidos em termos de recepção, e em muito contribuem para o avanço do trabalho de concepção expográfica.
- É necessário que o arquiteto saiba que o programa para um projeto expositivo de qualquer natureza possui necessidades especiais e contextos que vão além da mera solução espacial e de design de suportes. Tais elementos são necessários para oferecer um entendimento ampliado sobre o conceito de exposição e que só podem ser formulados com auxílio da museologia, daí a natureza dessa formação, que é interdisciplinar.

Sobre a divulgação nacional dos trabalhos de arquitetos ligados ao projeto de exposições, vale salientar que ainda existe pouco espaço de discussão sobre esse tipo específico de atividade.

### **Algumas particularidades sobre as exposições de arquitetura**

A difusão da arquitetura através dos meios não formais é a justificativa que valida as exposições de arquitetura, seja pela exposição de objetos, seja pela exposição das próprias arquiteturas. Entretanto, na prática, pode-se observar que esta é realmente uma modalidade que tem ainda pouco a oferecer em termos de experiência profissional e acadêmica. Há um certo consenso dentro do setor museológico em admitir uma lacuna cultural na representatividade da Arquitetura através de exposições no país e os desafios impostos para a formação de um público são evidentes.

Como foi salientado, esse ainda é um campo que está pouco investigado, inclusive pelos próprios arquitetos atuantes no setor museográfico. Se comparada às experiências já acumuladas com outras modalidades de exposições, como as de arqueologia, ciências e principalmente as de artes plásticas, o estudo e a prática sobre exposições arquitetura ainda têm um longo caminho a percorrer.

Já sabemos que as exposições de arquitetura possuem algumas particularidades. Pensemos primeiramente na Arquitetura como temática de uma exposição e pensemos também nos objetos a serem expostos.

Por hora, deixemos de lado questões bastante importantes e igualmente particulares, relativas à comunicação de patrimônio cultural, atividade que propõe a visitação de conjuntos arquitetônicos construídos, edifícios tombados e espaços públicos, para pensarmos somente nas exposições realizadas com objetos, dentro de espaços fechados. Partindo de temas e objetos, qual o tema e quais são os objetos de uma exposição de Arquitetura?

Na impossibilidade de apresentar 'arquiteturas reais' dentro de um único espaço expositivo, predominantemente são as representações arquitetônicas ou os produtos do projeto de arquitetura que compõem em seu lugar. Uma exposição de arte apresenta objetos que são as próprias obras. Uma exposição de arqueologia e história natural pode, a partir de um pequeno objeto, tal como um fragmento de utensílio ou restos fossilizados de um animal, reconstituir toda uma história.

Na prática, as exposições apresentam desafios em cada área do conhecimento em que são aplicadas, pois precisam partir de objetos para construir seus sentidos e significados<sup>3</sup>.

*Qual seria então a prerrogativa que diferencia uma exposição de arquitetura dos demais tipos de exposição?*

Parece haver um detalhe que de certa forma diferencia conceitualmente as exposições de arquitetura dos demais tipos de exposições, como as de artes, de ciências naturais, de ciências e tecnologia e demais. Como foi dito, é prerrogativa de qualquer exposição museológica, fazer a comunicação de seu acervo com o público através de seus objetos. Retomando exemplo as exposições de arte, que podem de alguma maneira apresentar objetos que são as obras em si, as exposições de arquitetura ao contrário, expõe na maior parte das vezes, os produtos da obra projetual.

As imagens e as representações de arquitetura (desenhos, fotografias, modelos) são tradicionalmente utilizadas para comunicar um conceito, uma ideologia no modo de habitar e construir espaços sociais. É a partir desses objetos que a curadoria organiza um discurso que forma o eixo da exposição. Essa maneira indireta de entrar em contato com uma obra arquitetônica que não está materialmente presente no espaço expositivo, é uma premissa das exposições de arquitetura, que acaba influenciando todo um processo curatorial diferenciado.

Quanto às questões relativas aos acervos, o interesse pela obra projetual arquitetônica tem se tornado mais evidente. Desenhos, croquis, planos, modelos, anotações, imagens audiovisuais e demais registros deixados por arquitetos sobre suas obras, são objetos que demonstram possuir valor cultural, tanto para os estudos da Arquitetura como, num plano mais ampliado, para a Museologia.

Como tema, é interessante notar como as representações arquitetônicas, tão singulares à teoria e metodologia do ensino de projeto de arquitetura, comparecem aqui como protagonistas através de seus objetos. A obra projetual, as representações arquitetônicas, são aqui entendidas como objetos de valor cultural, tomam parte em coleções, são adquiridos por acervos, são apresentados em exposições, chegando enfim, ao conhecimento do público.

Tomemos como exemplo simplificado, uma exposição que apresente a obra projetual de um arquiteto, seus croquis e anotações, seus projetos, desenhos, plantas, imagens e modelos, objetos que compõe o rol de objetos tradicionais das exposições de arquitetura. Sob o ponto de vista do visitante leigo, percebemos que a leitura e a interpretação dos espaços arquitetônicos ali representados nem sempre é uma tarefa fácil. Para um arquiteto entretanto, muito pode ser extraído desses objetos. Toda a exposição trabalha com níveis de informação que devem ser dimensionados e distribuídos, e neste caso temos informações produzidas pelo profissional, que devem ser assimiladas pelo leigo.

Embora em a obra projetual possa, assim como o objeto artístico, constituir-se como 'obra em si', proporcionando deleite documental, visual e artístico, devemos relevar que esses objetos nem sempre são de fácil assimilação para o leigo. Comparada a outras, as exposições de arquitetura acabam por exigir dos visitantes certa habilidade de interpretação visual e espacial para atingir determinado nível de leitura de tais objetos. Além disso, a possibilidade de haver o 'verdadeiro referente' como obra construída que porventura existe fora da exposição<sup>i</sup>, numa escala arquitetônica, muito mais assimilável pelos sentidos, é porém, um argumento que não deve

---

<sup>3</sup> "Há, antes de mais nada, a impossibilidade material de transportar edifícios para um determinado local e de com eles fazer uma exposição, como se faz com os quadros. É necessário já ter interesse por este tema e estar munido de notável boa vontade para ver a arquitetura com certa ordem e inteligência." Zevi, Bruno "Saber ver a Arquitetura", p. 2.

invalidar as exposições de arquitetura em locais fechados. Vale mencionar novamente que o trabalho de comunicação de patrimônio construído, que seria a exposição da própria arquitetura edificada em seu ambiente, como um outro caso bastante particular que oferece um rico campo para pesquisa. Através de uma exposição com objetos, falaremos sobre planejamento, soluções, ideologias, construção material da sociedade, técnica, estética, arte, e principalmente sobre a construção dos espaços, só que de uma maneira subjetiva, não através do espaço construído em si, mas através de representações desses espaços.

Em suma, tais objetos são característicos do projeto de arquitetura e compõe a maioria dos acervos existentes; são objetos que saem da esfera específica do conhecimento profissional e que se apresentam ao público leigo através das exposições.

Contudo, antes mesmo do problema da particularidade dos objetos, é necessário considerar também as particularidades inerentes à Arquitetura como temática, em suas próprias definições teóricas. Quais são os conceitos que definem a os conhecimentos em questão? Como pode ser definida a Arquitetura? Na prática, é a simples edificação? É o estudo da estética, da técnica da edificação? É a edificação com significado social? É o projeto em várias escalas? Em teoria, é um meio cultural? É um meio de linguagem? É uma qualidade extra que pode ser percebida na construção de espaços? E o que dizer da obra projetual? Pode ser considerada obra tanto quanto a arquitetura realizada? A partir de quais fundamentos podemos apresentar a Arquitetura de modo a esclarecer sua abrangência?

A teoria e a crítica arquitetônica tentam dar conta de questões dessa natureza, e se estas parecem pouco simples aos olhos de um iniciado, pensemos novamente no leigo como público de exposições de arquitetura.

Deve-se observar ainda, que a contínua revisão de alguns conceitos pode ser importante, de modo a não perder de vista a essência do conhecimento que está sendo apresentado numa exposição, e o mesmo valeria para qualquer outro tipo de área temática. Assim, reconhecemos que a Arquitetura é um tipo de conhecimento aberto, multidisciplinar que pode ser explorado sob vários aspectos, e tais premissas valem igualmente para a concepção curatorial de exposições de arquitetura.

### **Exposições de arquitetura como suporte para ações educativas: compromissos com a educação**

Como foi dito, as técnicas cenográficas aplicadas às exposições de arquitetura têm demonstrado que as experimentações no uso das linguagens podem servir como recursos que auxiliam a leitura dos objetos. Como nas artes, o uso de instalações, de instrumentais multimídia, a apresentação de modelos em escala real, os espaços cenográficos interativos, são recursos que fogem das modalidades tradicionais dos painéis de arquitetura, e que podem tornar esse tipo de exposição mais acessível.

As exposições de arquitetura estariam mais bem exploradas na medida em que pudessem proporcionar algum tipo **experimentação espacial ao visitante**, mas a depender dos objetos e do discurso expositivo, nem sempre esse procedimento é possível ou mesmo desejável.

Como fundamento de uma linha educativa, devemos tentar levar à compreensão do público que o conhecimento da Arquitetura é abrangente, e é composto fundamentalmente por dois momentos marcantes em seu processo de realização: a Arquitetura como espaço construído e como obra projetual, como espaço e como concepção do espaço, como realidade tangível e como representação da realidade.

Assim, seria importante tentar desenvolver no leigo algumas motivações intelectuais que já estão mais bem consolidadas no público profissional, de modo a despertar o maior interesse em apreciar as exposições de arquitetura. Um trabalho de ação educativa integrada às exposições é essencial para a formação de público, e o fator

educativo não exclui o do entretenimento: aliar prazer e aprendizagem tem sido uma diretriz que orienta o planejamento de qualquer exposição.

Mas retomando questões de fundo sobre a prospecção de um público para exposições de arquitetura, como questões que antecedem uma estratégia educativa dentro de instituições, valeria perguntar: *o cidadão comum sabe o que é arquitetura? A arquitetura e o planejamento urbano estão presentes como qualidade referencial nos seus espaços cotidianos? E antes disso, o público sabe como ver uma exposição?*

Podemos notar nítidas diferenças nos contextos de vida urbana como ambientes que podem influenciar a formação de público. Apesar de não ser uma modalidade de exposição das mais freqüentes, as exposições de arquitetura são mais bem difundidas em países de primeiro mundo, e daí pode-se relevar o fato de que exista uma produção mais consolidada em termos de patrimônio histórico, arquitetura, projetos urbanos e design, o que gera um conjunto de referências materiais importantes no lastro cultural. Por outro lado, pode-se também supor que exista nos países onde a maioria dessas instituições citadas estão instaladas (Estados Unidos, Canadá, França, Inglaterra e Holanda, por exemplo), um público mais familiarizado com exposições e eventos culturais, um público mais informado, que possui um melhor nível educacional, e que, naquilo que é fundamental, usufrui de melhores condições de infra-estrutura urbana, em seus equipamentos, transporte e conseqüentemente nas referências arquitetônicas.

Em suma, a *'alfabetização arquitetônica'* pode se tornar uma premissa aplicada aos meios de cultura que forem cabíveis, buscando parcerias com escolas de ensino fundamental e médio. Deve ser uma forma de ação conjunta entre instituições de cultura e de ensino, balizados por uma política cultural, que promova a educação e a formação do público para a dimensão social da arquitetura, para o valor qualitativo, material e cultural da arquitetura, tendo como vetor principal o reconhecimento do ambiente, da realidade, do cotidiano urbano onde se vive. Para promover a alfabetização arquitetônica devemos trabalhar dentro de contextos culturais próprios.

Aliado ao problema específico da *'alfabetização arquitetônica'*, existem questões de ordem geral referente às ações educativas e que fazem parte da tomada de um posicionamento crítico, principalmente dentro setor museológico, denominada *'alfabetização museológica'*. Com o compromisso de tornar as exposições cada vez mais acessíveis, os projetos passam a inserir programas de ação educativa e de monitoria, que orientam o entendimento sobre a forma de apresentação de uma exposição. Num todo, a exposição explica-se a si mesma, revelando os caminhos que levaram a curadoria a decidir pela forma de apresentação em seus objetos, discurso e linguagem, para a partir daí, criar condições do visitante fazer suas próprias indagações, criando sobretudo, um público capaz de responder criticamente ao que se vê.

Aliando *'alfabetização arquitetônica'* à *'alfabetização museológica'*, pode-se citar como exemplo os trabalhos do *'Canadian Centre for Architecture'* e do *'NAI – Netherlands Architecture Institute'*, na medida em que desenvolvem programas de recepção e formação básica de seus visitantes, de modo a inserir cada vez mais a freqüência de um público composto pela comunidade leiga.

Funcionando como verdadeiros centros culturais, o grande público e o público escolar contam não só com o monitoramento (real e virtual) das exposições exibidas, mas também com laboratórios e workshops permanentes para educação arquitetônica, como a experimentação com exercícios de linguagem arquitetônica (atividades de confecção de maquetes, desenhos, pequenos projetos). Há o acesso à informação básica sobre as referências arquitetônicas locais que podem ser visitadas com monitoria, além de palestras, debates, concursos, encontros com



arquitetos e programações diversas de filmes e vídeos, atividades também direcionadas ao público especializado. Tendo sempre em vista a faixa etária dos seus visitantes, cada curso, laboratório e workshop é dimensionado, ao ponto de oferecer programas especiais também para as famílias, onde os pais participam das atividades junto aos filhos.

Entretanto, todo esse processo de realização é bastante complexo, e apesar de parecer ideal, talvez seja intransferível em suas particularidades. O projeto de alfabetização museológica e arquitetônica faz parte de um projeto maior dentro dos interesses e das reais possibilidades educacionais de cada país, refletindo sua respectiva política cultural, e como foi dito, as experiências bem sucedidas devem ser entendidas dentro de contextos próprios.

### **Estudos museológicos aplicados à Arquitetura: uma área em formação**

Como já foi dito, a necessidade de uma fundamentação a partir dos estudos museológicos faz com que o estudo da Arquitetura a partir da constituição de seus acervos, museus, institutos, exposições e mesmo a comunicação de patrimônio construído, seja colocado sob uma abordagem interdisciplinar. Como um dado adjunto, foi constatada pela Política Nacional de Museus de 2003, a carência por formação geral em nível superior para profissionais do setor museológico<sup>4</sup>. Assim, sugere-se que as universidades de Arquitetura e Urbanismo possam se capacitar a oferecer disciplinas de interesse dentro de suas especialidades, possivelmente em caráter de pós-graduação, assumindo esse que é mais um dos aspectos da arquitetura dentro de suas interdisciplinaridades possíveis.

Os estudos museológicos aplicados à Arquitetura podem fornecer suporte para as atividades de **projeto** em algumas das suas especialidades, tais como: **preservação do patrimônio, projeto espacial de comunicação de patrimônio, projetos especiais ligados a museus, desenho, concepção e montagem de exposições**. Pensando no trabalho interno museus, institutos e fundações, seria desejável desenvolver também **estudos curatoriais para formação de acervos e coleções de arquitetura**.

Pensando na difusão do ensino não formal nessas mesmas instituições, ou mesmo ligado às escolas, comunidades, projetos culturais, poderiam ser acrescentados cursos ligados aos **estudos para projetos e ações educativas em Arquitetura e Urbanismo**.

O oferecimento de tais especialidades quando não existem, ainda é esparso dentro dos cursos de pós-graduação. Disciplinas afins poderiam ser reunidas de modo a compor uma interface com áreas correlatas aos estudos museológicos.

Fora do âmbito acadêmico, deve-se relevar a extrema importância das experiências práticas com exposições dentro das instituições como campo para a pesquisa.

### **Expandindo as fronteiras: novos espaços para difusão da Arquitetura**

Apesar da carência por museus e institutos de arquitetura no âmbito local, a pesquisa institucional deve ser estimulada e pode se constituir como fonte de estudo paralela ao ensino acadêmico.

---

<sup>4</sup> Vale destacar que ainda são poucos os cursos de formação e capacitação museológica ligados aos museus e instituições públicas de ensino no Brasil e a primeira medida que oficialmente definiu a estruturação dos cursos de Museologia no país data da Resolução nº 14 de 1970, do Conselho Federal de Educação. Tal resolução apresenta-se defasada, no que diz respeito aos aspectos teóricos e metodológicos que vem fundamentando a estruturação dos currículos e cursos até os dias atuais, e as atualizações de currículos estão sendo realizadas e debatidas. Alguns dos Cursos de Especialização em Museologia reconhecidos no Brasil: Universidade Estadual de Santa Catarina, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de São Paulo. Cursos de Graduação: Universidade UNISINOS, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade UniRio.

Os avanços sobre a prática de expor arquitetura, sobre a aquisição e manutenção de acervos, sobre a conservação e comunicação de patrimônio, sobre a elaboração de curadorias, devem ser pesquisados onde quer que tais instituições existam.

Assim, alguns centros de cultura arquitetônica no exterior, como os já citados, podem servir como campo para linhas de pesquisa correlatas a essa, desde que os estudos se convertam em contribuições úteis aos contextos nacionais.

Dentro disso, não podemos deixar de mencionar o importante papel institucional das Bienais de Arquitetura de São Paulo como fórum e como espaço onde o grande público tem acesso às exposições de arquitetura. Ainda que se venha implementando todas as melhorias possíveis, as BIAs têm suas limitações reais pré-definidas pelo seu próprio formato: as bienais são fundações que não mantêm acervos, constituem-se como eventos irregulares e temporários, não têm caráter museológico, e são dedicadas muito mais à difusão do que à formação permanente de público.

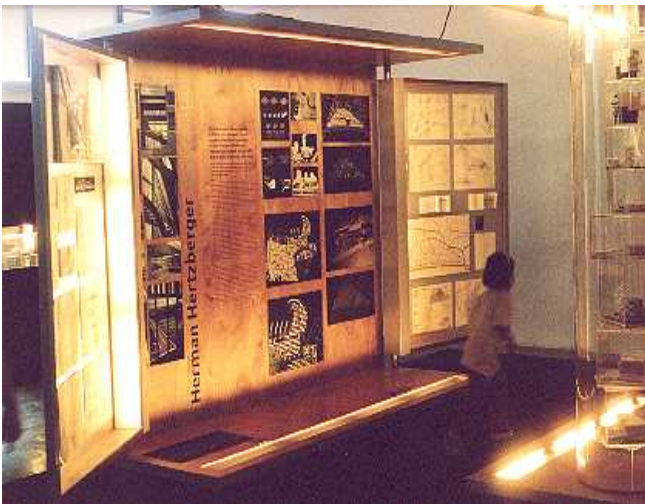
Vale ressaltar, que não existem ainda os Institutos, museus ou centros culturais brasileiros para a área de Arquitetura. O formato Bienal ainda é a nossa opção mais importante dentro desse meio de difusão, mas sozinha, sem o apoio de instituições que possam trabalhar com a exposição da arquitetura (em seu conceito educativo e em caráter permanente) as BIAs correm o risco de estarem sempre aquém das expectativas ou mesmo sendo mal avaliadas, tendo que cumprir um papel que na verdade deveria ser preenchido por esta que é uma lacuna no setor cultural.

As atribuições delegadas às BIAs poderiam ser melhor compartilhadas, principalmente nas difíceis tarefas ligadas à difusão e formação de público.

Por outro lado é importante salientar que perdemos muito em ainda não termos constituído nossos centros de cultura arquitetônica, não somente pelo aspecto da difusão, mas pelo fato de não termos condições de reunir e estudar de uma maneira mais acessível e sistemática os nossos próprios acervos de arquitetura, nosso patrimônio construído, reformulando aspectos historiográficos.

Assim, os contextos possíveis dentro dos quais as Bienais de Arquitetura possam melhor assumir e cumprir os seus papéis, ainda estão por ser construídos e futuros centros de cultura arquitetônica podem se tornar os suportes que fortalecerão a existência das próprias bienais.

## Ilustrações



1. Detalhe de um módulo expositivo que compõe a premiada exposição holandesa *'Herman Hertzberger - Articulations'*, apresentada na IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Fonte: arquivo Stella Miguez.



2. Idem.



3. Um modelo que compôs a mostra premiada 'Adolf Loos e Le Corbusier – Raumplan versus Plan Libre', apresentada na IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Fonte: arquivo Stella Miguez.



4. Idem. Detalhe do modelo, reconstituindo os interiores de um dos projetos.



5. Detalhe da exposição holandesa premiada do escritório 'Mecanoo', apresentada na IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Fonte: arquivo Stella Miguez.



6. Plano geral da mostra institucional da Prefeitura de São Paulo, apresentada na V Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Fonte: arquivo Stella Miguez.



7. Detalhe de uma grande maquete que representou Tóquio com a exposição 'A Erupção de Tóquio', apresentada na V Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Fonte: arquivo Stella Miguez.



8. Instalação baseada na releitura da Torre de Tatlin, apresentada na Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza em 2004.



9. Vista noturna do NAI – *Netherland Architecture Institute*.  
Fonte: website.



10. Crianças em atividade orientada no NAI. Fonte: website.



11. Idem.



12. Profissionais do NAI junto a acervos. Fonte: website.



13. Uma visita monitorada a uma exposição do NAI. Fonte: website.



14. Vista geral do CCA – *Canadian Centre for Architecture*.  
Fonte: website.



Photo M. Boulet © CCA

15. Crianças em atividade orientada no CCA. Fonte: website.



16. Workshop aberto para famílias no CCA. Fonte: website.

## Referências Bibliográficas

BLAU, Eve. *Architecture and its Image: four centuries of architectural representation*. Canadian Centre for Architecture, Montreal, 1989.

DAVIES, Stuart. *Museologia Roteiros Práticos, Plano Diretor*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

\_\_\_\_\_. *Museologia Roteiros Práticos, Planejamento de Exposições*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

\_\_\_\_\_. *Museologia Roteiros Práticos, Educação em Museus*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

FEIREISS, Kristin. *The art of Architecture Exhibitions*. NAI Publishers, Rotterdam, 2001

GLUSBERG, Jorge. *És la arquitectura un language, y en qué sentidos? Antología crítica – II Encuentro Internacional de Críticos de Arquitectura de Buenos Aires*, Centro de Arte y Comunicación, Buenos Aires, 1980.

\_\_\_\_\_. *Sociosemiótica de la Arquitectura* Centro de Documentación de Arte y Arquitectura pra América Latina, Buenos Aires, 1980.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Museums and their visitors*. Imprenta London, Routledge, New York, 1994. *Museums and the interpretation of visual culture*, New York, 2000.

KLINTOWITZ, Jacob. *30 segundos de televisão valem mais do que 2 meses de Bienal de São Paulo. Isto é bom ou ruim?* São Paulo, Summus Editorial, 1981

MONTANER, Josep M<sup>a</sup> *Museos para el nuevo siglo*. Editorial Gustavo Gilli, Barcelona, 1995.

\_\_\_\_\_. *Museos para o Século XXI*. Editorial Gustavo Gilli, Portugal, 2003.

RICO, Juan Carlos. *Museos, Arqitetura, Arte – Los espacios expositivos*. Sílex, Espanha, 1994.

\_\_\_\_\_. *Montage de Exposiciones – Museos, arquitetura, arte*. Sílex, Espanha, 1996.

RILEY, Terence, Sarah Deyong, Marco Michelis *The Changing of the Avant-Garde: Visionary Architectural Drawings from the Howard Gilman Collection* Museum of Modern Art, New York ; (November 15, 2002).

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

### Dissertações e Teses:

CURY, Marília Xavier. *Exposição: análise metodológica do processo de concepção, montagem e avaliação*, Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 1999.

HERBST, Hélio Luiz Jr. *Promessas e Conquistas: Arquitetura e Modernidade nas Bienais*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAUUSP, São Paulo, 2002.

MIGUEZ, Stella Regina. *Arquitetura em Exposição – uma prática interdisciplinar. Caracterização da Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo*. Tese de Doutorado, FAUUSP, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. *A Bienal de São Paulo: Forma Histórica e Produção Cultural*. São Paulo. Tese de Doutorado, PUC-SP, Faculdade de Ciências Sociais, São Paulo, 2002.

### Artigos

“Escapando da Amnésia”, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 29, 1999, pp 35-57, Andreas Huyssen.

“A Bienal de Arquitetura de São Paulo – O Universo arquitetônico e seu paralelo”, Revista *Desígnio* nº 3, 2005, pp 145-152, Cláudio Knapp B. Ottoni.

“O discurso museológico: um desafio para os museus”, *Ciências em Museus*, nº 4, 1992, pp 103-107, Ulpiano T. Bezerra de Meneses.

“Museu, museologia, museólogos e formação”. *Revista Museo*, nº1, 1989, pp 7-11, Waldisa Rússio Guarnieri.

### SITES DA INTERNET

Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo [www.uol.com.br/4bia](http://www.uol.com.br/4bia)

Bienal de Veneza [www.labiennaledivenezia.net](http://www.labiennaledivenezia.net)

International Architecture Biennale Rotterdam [www.1ab-rotterdam.nl](http://www.1ab-rotterdam.nl)

Nai Netherlands Architecture Institute [www.nai.nl](http://www.nai.nl)

CCA Canadian Centre for Architecture [www.cca.gc.ca](http://www.cca.gc.ca)

MOMA (Departamento de Arquitetura e Design) [www.moma.org](http://www.moma.org)

